



**Fechamento de Mercado: 28/09/2018**

**RESUMO DA SEMANA - 24 a 28/09**

Semana de muitos indicadores sendo anunciados, tanto no Brasil como no exterior, mas os mesmos fatores de outras semanas influenciando o comportamento dos mercados. Problemas no desenvolvimento do Brexit, com o orçamento da Itália, problemas comerciais entre EUA e China. No Brasil, novamente o lado político mexendo com os investidores e os mercados e indicadores contribuindo para ampliação da volatilidade.

Felizmente, em que pese as complicações, os mercados reagiram bem, notadamente a Bovespa, muito por conta do fluxo de recursos canalizado por investidores estrangeiros, movendo Vale, Petrobras e bancos. Além de desfazimento de operações no câmbio. Tanto é verdade que no período o dólar chegou a voltar para o patamar de R\$ 3,96, e no mês de setembro os estrangeiros alocaram liquidamente na Bovespa (até 25 de setembro), R\$ 1,73 bilhão, saindo de negativo no início do mês.

No segmento externo, as disputas entre China e EUA parecem encaminhar para desfecho mais positivo, com o governo chinês disposto a retomar conversações e Trump prometendo que ligaria para o “ex-amigo” Xi Jinping. Além disso, a China reduziu a tarifa geral de produtos importados de 9,8% para 7,5% e cortou tarifas de outros produtos. Também anunciou novas diretrizes para apoiar startups e inovação, numa resposta ao que os EUA chamam de roubo de propriedade intelectual.

Na Alemanha, Merkel perdeu massa política com saída de aliado da liderança do partido. Na França, o nível de aprovação de Macron está no ponto mais baixo. No Reino Unido, o partido trabalhista confirmou voto contrário ao projeto de Brexit de Theresa May, deixando a primeira ministra ainda mais fragilizada e obrigada a fazer discurso mais contundente e declarar que ainda é possível chegar a algum acordo com a União Europeia. O presidente Macron aproveitou o momento para declarar que se o Reino Unido quisesse voltar para a União Europeia as portas estariam abertas.

Na Itália, o governo dominado pela Liga Norte e 5 Estrelas trouxe dificuldades para o ministro da economia que projetava déficit fiscal no orçamento menor que 2,0% do PIB, e terá que acatar déficit de 2,4. Mais um problema para uma economia de grande porte e desequilibrada. O BCE (BC Europeu) segue querendo dar início a discussões sobre o sistema financeiro da região do euro, por entender ser o momento ideal com a inflação convergindo para a meta e a política monetária surtindo os efeitos na recuperação da economia, com políticas ainda acomodáticas.

Nos EUA , muitos indicadores de conjuntura anunciados no período mexeram com os mercados, mas o principal evento foi mesmo a reunião do FOMC do FED, com a decisão de elevar os juros básicos pela terceira vez nesse ano. Conforme esperado, o FED elevou para patamar entre 2,0% e 2,25%, indicando que a economia está forte. A previsão de crescimento do PIB em 2018 subiu para 3,1% (anterior em 2,8%) e 2019 para expansão de 2,5%. A taxa de desemprego estimada para o ano ficou em 3,7%, e em 2019 caindo para 3,5%.

Em seguida, tivemos coletiva do presidente Jerome Powell dizendo que a inflação está baixa e estável e a política fiscal de Trump impulsionando a economia. Acredita no gradualismo de subida dos juros já que permite ver como a economia processa o aperto monetário. A projeção é de mais uma alta no ano e três em 2019. Depois da fala de Powell, os mercados reagiram em queda, tanto nas bolsas como câmbio e juros. Em termos de indicadores, a terceira leitura do PIB americano do segundo trimestre trouxe expansão de 4,3% e inflação medida pelo PCE (deflator de gastos com consumo) em 2,0% e núcleo em 2,1%.

O período embutiu a abertura da Assembleia Geral da ONU com discurso inicial de Michel Temer, seguido de discurso de Trump e depois da presença inesperada de Maduro. Trump falou da Paz com a Coreia do Norte, detonou a Síria e Irã pedindo bloqueio global, e de passagem novamente a China que diz desrespeitar os EUA. Claro que houve respostas de todos os lados, mas Trump parece não se incomodar.

A Organização Mundial do Comércio (OMC) revisou para pior suas projeções de comércio global em 2018 e 2019, por conta não só das disputas e protecionismo comercial, mas pelo aperto monetário e volatilidade financeira. A Unctad (órgão da ONU) falou que o desequilíbrio global está mais forte que nunca e que emergentes serão afetados pelas disputas EUA /China. Disse que no caso do Brasil os efeitos poderiam durar cinco anos.

A Argentina passou por novos distúrbios com greve geral paralisando o país e demissão do presidente do banco central em desalinho com a equipe econômica e diretrizes do FMI. Macri declarou que o próximo ano será duríssimo e que a maior parcela do orçamento será destinada para o social. O novo presidente do BC argentino mostrou mudanças na política monetária, e disse não interferir no mercado cambial enquanto a paridade do peso estiver na faixa entre 34 e 44 pesos.

No segmento local, no ambiente político, muitas pesquisas de intenção de voto, com participação de candidatos muitas vezes conflitantes quando cotejadas por regiões. Mas a indicação cada vez mais clara que o segundo turno será composto por Haddad e Bolsonaro, com alguma chance ainda para Ciro Gomes. Alckmin segue estacionado e Marina desidratando cada vez mais. Tivemos debate de TV, Ciro Gomes teve intercorrência e precisou ser internado. O vice de Bolsonaro, depois do discurso deslocado de Paulo Guedes, foi impedido de participar de encontros. Por ter falado que o 13º salário era uma “jabuticaba” brasileira e outras mais, mostrando a descoordenação da equipe.

Na economia, tivemos a divulgação da ata da última reunião que manteve a Selic estabilizada e logo em seguida o relatório trimestral de inflação. Os dois textos tiveram o mesmo desenho, assim como o comunicado pós reunião. Igual conteúdo foi expresso pelo presidente, Ilan Goldfajn, em coletiva de imprensa. A economia se recupera aquém do esperado, e a previsão do PIB de 2018 encolheu mais uma vez para 1,4% (anterior em 1,6%), a inflação estável pelo IPCA em 4,1%, a necessidade de reforma para manter a inflação baixa, e todas as incertezas que rondam a economia, tanto no ambiente interno, como no externo e que trazem assimetrias. A leitura foi que o Copom está pronto para iniciar a elevação dos juros,

possivelmente começando já em outubro, caso as respostas da economia sejam negativas. O problema está no fato que a reunião está marcada para três dias depois das eleições.

A inflação medida pelo IGP-M fechado de setembro ficou em 1,52% e acumula em 12 meses taxa de 10,04%. A concessão de crédito livre expandiu 6,7% em agosto para total de R\$ 3,15 trilhões (46,7% do PIB), e a inadimplência média caindo para 4,2%. O investimento direto no país (IDP) acumula em 12 meses US\$69,6 bilhões, cobrindo amplamente o déficit em conta corrente de US\$ 15,5 bilhões. O déficit do setor público acumula em 12 meses R\$ 84,4 bilhões e déficit nominal (inclui juros) em R\$ 503 bilhões, algo como 7,45% do PIB, muito elevado. A dívida bruta atinge 77,3% do PIB.

#### **RESUMO DA SEMANA**

**IBOVESPA: 79342 (-0,13)**

**DOW JONES: -1,07**

**NASDAQ : +0,75**

**DÓLAR +1,34 (R\$ 4,05)**

#### **PERSPECTIVAS**

Seguimos com aquela visão de que o “*bull Market*” americano veio para ficar por longo tempo, não sem alguns sustos pelo meio do caminho. Nossa visão é que as encrucas maiores que o mundo atravessa serão razoavelmente sanadas, notadamente no que tange às disputas comerciais entre os EUA e a China. A eleição americana para o Congresso pode ser determinante de clima mais ameno, pelo menos no que tange a Donald Trump.

Claro que a Itália seguirá sendo problema com o governo dominado pela Liga Norte e 5 Estrelas trazendo constrangimento para a União Europeia. Claro que os problemas no Oriente Médio não se resolveram, mas temos que considerar que o mundo já convive com isso por longo tempo.

No Brasil, destacamos que os investidores estrangeiros voltaram a se posicionar nos mercados, o mesmo acontecendo com boa parte dos gestores de recursos. Basta ver o fluxo canalizado recentemente para a Bovespa e redução de posições compradas em câmbio. A explicação pode estar na aceitação de Bolsonaro no segundo turno e migração de votos do centro-direita para evitar outro governo do PT.

Mas é claro que essa é uma suposição e um risco que tem que ser considerado na assunção de posições mais agressivas. O que de fato nos preocupa é a normalização da política monetária em países desenvolvidos, quando cotejada com o elevado nível de endividamento pessoal e corporativo, diante de taxas de juros em elevação.

Pela análise técnica, seria oportuno que o Ibovespa conseguisse ultrapassar inicialmente a faixa de 80.600 pontos, para almejar, em seguida, o objetivo em 81.800 pontos, quando o mercado teria tração para movimentos ainda mais agressivos. Mas para que isso aconteça, será preciso a continuidade do fluxo de recursos

Alvaro Bandeira

Sócio e Economista-Chefe modalmais

Fonte: <https://www.modalmais.com.br/blog/falando-de-mercado>